

O educador

Poesia como forma de aprendizado

De modo geral, na maioria das escolas, esportes como futebol e vôlei são a preferência das crianças. Porém, numa pequena escola rural do Distrito de Ferreira, em Cachoeira do Sul, a poesia, é o que mais atrai a atenção dos alunos. A Escola Estadual de Ensino Fundamental Zilah da Gama Mor, já possui até um livro, lançado em 2010, com poemas produzidos somente por alunos, que é objeto de orgulho da comunidade.

A ideia do livro começou com uma iniciativa da professora de português e vice-diretora da escola, Eleni Lemes Allram, que percebeu dificuldades no aprendizado de seus alunos, e pediu a eles que trouxessem recortes de jornal com textos de seus respectivos interesses, para serem lidos no início das aulas. "Através dessa atividade, percebi que muitos alunos traziam poesias recortadas de jornais e revistas, e que os poemas despertavam o interesse de todos", conta Eleni. Com o término da atividade e a notável evolução no rendimento dos estudantes devido a esta descoberta pelo gosto da poesia, a professora propôs uma nova oportunidade aos alunos. Dessa vez, a ideia era convidar um poeta para que eles se inspirassem em seu trabalho. A escolhida foi a poetisa da região, Dinorá Tibusch. "As crianças ficaram encantadas com a Dinorá, e isso foi determinante para que começássemos os recitais e as oficinas de poesia em turno inverso ao das aulas", relata.

O projeto das oficinas envolveu 14 alunos de 5ª à 8ª séries da escola, que participavam das aulas que tinham como base o gênero poético, suas características e estratégias de produção. Dos trabalhos produzidos pelos voluntários surgiu a ideia de fazer uma coletânea com os poemas dos alunos. O livro "Alunos da Escola Zilah Escrevem Poesias", foi lançado em novembro de 2010, e contou com o apoio da direção, supervisão da escola e patrocinadores.

A vice-diretora contou que o gosto pela poesia não é novidade na escola. Nos 100 anos de Mário Quintana, também foi realizado um trabalho especial com os estudantes em homenagem a o poeta gaúcho. "Foi sensacional, os alunos ficaram muito motivados em conhecer a história e a obra de Mário Quintana", afirmou.

Em 2011 os projetos continuam. Tomando como base o tema da Campanha da Fraternidade deste ano, - "Fraternidade e a Vida no Planeta", a professora de religião da escola, Marilene Schmidt Pereira, idealizou junto aos alunos uma atividade para socializar com a questão ambiental do planeta. "Pedi a eles que confeccionassem cartazes sobre as questões ambientais, e como a nossa escola tem muito gosto pela poesia alguns grupos fizeram poemas sobre o tema", disse Marilene.

Abaixo alguns dos poemas realizados por alunos na atividade sobre a campanha da fraternidade em 2011:

Nosso planeta

Karina dos Santos Moraes e Marinara Rosa Lopes – alunas da 6ª série

Nosso planeta está poluído.
Isso não pode continuar,
Pois assim ficará destruído
Por isso vamos ter que mudar.

Nossas vidas estão em risco,
por causa de muito lixo
vamos mudar nosso jeito de agir
não vamos desistir.

Tiramos uma conclusão
que nosso planeta precisa de muita proteção
por isso devemos
colocar em prática tudo de bom que aprendemos.

A natureza

Ângela de Freitas, Gabriele Tallowitz Menezes, Jéssica Silveira da Silva e Irene da Silva Ilha – 6ª série

Se saúde queres ter
A natureza deves proteger
Torneira a pingar,
Isso nem pensar
Dá trabalho separar
Mas é urgente reciclar
Para o mundo preservar
Temos que nos preocupar
De cuidar do mar
Não jogando lixo pro ar
Pra não se intoxicar
Coleta seletiva
Mais vida nativa
Recicle, reaproveite, reduza
Multiplique a limpeza
E assim teremos mais beleza na natureza.4

Espaço reservado para educadores enviarem opiniões, críticas e crônicas sobre Educação.

Acadêmicos estudam a realidade sociosocioambiental de Uruguaiana

O Grupo de Estudos, Movimento e Ambiente, formado por professores e acadêmicos da Unipampa Uruguaiana traz a proposta de reconhecimento da cidade através das atividades físicas de caminhadas, corridas e pedaladas, a fim de registrar, refletir e futuramente repassar à sociedade os conteúdos das áreas visitadas acerca de seus limites urbanos. Em sua primeira saída de campo optou-se pela região norte da cidade, tendo como o ponto de partida a praça central Barão do Rio Branco, com destino ao Arroio Cacaréu, situado mais a oeste do município. O grupo deparou-se com a diversidade da vegetação, a representação da fauna da campanha gaúcha e a imensidão hídrica,



a areia nas barrancas do rio é preocupante. O comércio local a retira do rio e em suas proximidades já a re-

bendo águas da sua cabeceira do norte do Rio Grande do Sul e alastrando-se sobre o descampado uruguaiense e o lençol do arroio em questão. O esgoto urbano desemboca no rio sem nenhum tratamento, exalando um cheiro muito forte. Alguns pescadores que se encontravam à margem comunicaram que a região ainda oferece algum sustento de peixes, porém tem escasseado devido à poluição. No campo, e bem próximo ao rio, foram avistados alguns animais que persistem manter seu habitat por ali, como cavalos, vacas, garças, pombas e pássaros pequenos. Na vegetação fechada, já mais cerca do arroio Cacaréu pode-se perceber que insetos e aracnídeos conseguem manter sua sobrevivência com êxito, talvez porque a mata segue sem exploração humana, talvez

somente para visitas como a do grupo GEMA. Em meio à lama do arroio vê-se muito caramujo, curiosamente, o nome do Rio Uruguai significa rio de caramujos. A exploração do ambiente foi exitosa, para aprender e refletir sobre a ação humana acerca do seu meio ambiente. Com o esforço físico oriundo da Educação Física pode-se comprovar que caminhada, discussões, cansaço físico, e futuramente, novas ações farão o crescimento humano deste grupo que recém inicia suas tarefas e pretendem auxiliar na transformação deste lugar, seja expondo imagens e textos, seja atuando na sua preservação natural. O Grupo de Estudos Movimento e Ambiente (GEMA) coordenado pelo Prof. Álvaro da Cunha do curso de Licenciatura em Educação Física da Unipampa, começou suas pesquisas visando a apresentação dos primeiros resultados na cidade de Pelotas no VI Congresso Brasileiro de Esportes de Aventura no início do mês de Julho deste ano.



formada pelo Rio Uruguai na fronteira com a Argentina. A primeira impressão é de muita riqueza natural, porém a ação do homem é cruel sobre o seu ambiente. A quantidade de lixo jogado às margens do rio, em meio à vegetação, até na mata cerrada é muito relevante. A exploração sobre

vende num ponto comercial. O rio dá sinal de desequilíbrio, suas margens estão sofrendo com as erosões, muitas árvores já mostram suas raízes desprotegidas devido à ação das cheias que invadem a região frequentemente, e sem a interferência das chuvas, simplesmente rece-

seu habitat por ali, como cavalos, vacas, garças, pombas e pássaros pequenos. Na vegetação fechada, já mais cerca do arroio Cacaréu pode-se perceber que insetos e aracnídeos conseguem manter sua sobrevivência com êxito, talvez porque a mata segue sem exploração humana, talvez

Para pesquisadores, violência escolar se combate com tolerância

A morte de 12 crianças na escola municipal Tasso da Silveira, no Rio de Janeiro, colocou a segurança de estudantes entre os principais assuntos nacionais. Diante do choque, muitos defenderam barreiras que mantinham as crianças protegidas, mas pesquisadores de violência escolar vão no caminho contrário. Para eles, a prevenção se faz com fortalecimento das relações entre alunos, professores e, inclusive, com maior integração com a comunidade.

"Quando acontece uma tragédia, as pessoas pensam em soluções pontuais e não em combater as causas", afirma o coordenador do Obser-

vatório de Violência nas Escolas da Universidade da Amazônia (Unama) em convênio com Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), Reinaldo Nobre Pontes. "O motivo deste horror foi o mesmo dos pequenos horrores diários na maioria das escolas: a falta de tolerância", diz. Uma pesquisa realizada em escolas da região metropolitana de Belém, no Pará, mostra que 69% dos alunos já assistiram a agressões físicas e 41% psicológicas. "Em todos estes casos, há elementos em comum com grandes tragédias: vingança e ressentimento entre crianças ou ado-

lescentes que não aceitam bem as diferenças. Aí é que temos de trabalhar", afirma. Para ele, as escolas devem pedir e oferecer ajuda a outras instituições como universidades e o poder judiciário. "A escola não tem que se isolar, o problema é sério e deve ser visto por toda a sociedade."

A pesquisadora do Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo (USP), Caren Ruotti, lembra que as escolas brasileiras já são bastante fechadas, com muros altos, portões de ferro e divisão entre a área frequentada por visitantes e alunos – a unidade onde ocorreu o massacre em

Realengo contava ainda com câmeras. "O país que mais investe em barreiras eletrônicas, os Estados Unidos, é o que mais convive com este tipo de tragédia. Não resolve. Em vez de fechar as portas, temos de evitar que as pessoas queiram se vingar daquele sistema, promovendo um ambiente acolhedor", diz. Ela também desmitifica a ideia de que bullying é algo comum, que a maioria das pessoas sofreu na vida escolar. "Uma piada ou agressões isoladas, por pior que sejam, não caracterizam a perseguição contínua e a humilhação implícitas no conceito de bullying. Estamos falando de algo mais sério", diz.